

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15215 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 15 - Educação Especial

A PESSOA SURDA EM ESPAÇOS ESCOLARES NA CIDADE DE BOA VISTA/RR: A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS NA CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES SURDAS

Dalcides dos Santos Aniceto Júnior - UFRR-PPGE - Universidade Federal de Roraima

**A PESSOA SURDA EM ESPAÇOS ESCOLARES NA CIDADE DE BOA VISTA/RR:
A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS NA CONSTITUIÇÃO DAS
IDENTIDADES SURDAS**

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo refletir acerca das identidades de pessoas surdas em espaços escolares na cidade de Boa Vista, Roraima. O tema é de relevância para pensar as construções e representações de identidades dos sujeitos educativos surdos, a partir de seus discursos, em espaços escolares de dominância ouvinte. Assim, esta pesquisa traz uma contribuição para refletir sobre as relações que esses sujeitos negociam ao lidarem com a alteridade que constituem esses contextos. Tem como objetivos compreender as relações entre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e as identidades surdas, partindo dos discursos das pessoas surdas, dentro dos contextos escolares em que estão ou estiveram inseridas. A pesquisa teve por base o método da pesquisa documental e bibliográfica de cunho qualitativo e a técnica da observação participante. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas sobre as experiências dos surdos(as) nos espaços escolares. Os resultados apontam para um contexto escolar que não contempla, em suas práticas e currículos, as especificidades das pessoas surdas; e a Língua Brasileira de Sinais como diferença linguística marcante nos espaços escolares nas relações com a maioria ouvinte. A alteridade e as identidades surdas aparecem ancoradas nessa diferença.

Palavras-chaves: Pessoa surda, Espaços Escolares, Identidade, Libras.

Ao refletir sobre as práticas educativas e os processos de interações que perpassam as pessoas surdas nos espaços escolares, e que têm na sua língua natural, a Língua de Sinais, um marcador de diferença, pode-se também pensar sobre a constituição das identidades surdas enquanto sujeitos educativos. Pensar na alteridade das pessoas surdas nos espaços escolares também envolve compreendê-los enquanto produtores de símbolos e representações próprias, com uma visão de si e de mundo pautados em percepções e informações imagéticas.

Dessa forma, as reflexões acerca das identidades surdas não podem ser desconsideradas nos processos educativos, de interação e de socialização nos espaços escolares em que estão inseridos. Respeitar a alteridade da pessoa surda enquanto pertencente a uma coletividade que se relaciona e que produz símbolos e representações sociais e culturais é o princípio que deve nortear todas as práticas educacionais voltadas para essas pessoas. Isso implica em construir práticas que atendam às especificidades dos sujeitos educativos surdos como currículos, metodologias, processos avaliativos e ambientes que potencializem o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, linguísticas, relacionais, emocionais, sociais e motoras (SKLIAR, 2010; STUMPF, 2009).

Assim, esta pesquisa teve como objeto de investigação a relação da Língua de Sinais na constituição de identidade das pessoas surdas em espaços escolares na cidade de Boa

Vista/RR, partindo dos discursos dos próprios sujeitos educativos surdos falantes da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Como esses atores sociais surdos (des)constroem pelas suas narrativas a noção de diferença e de pessoa surda nas relações com os seus pares e com a coletividade ouvinte envolvente e como evocam e agenciam a legitimação da Língua de Sinais nessas relações.

A pergunta-problema que orientou as investigações da pesquisa foi como pensar, a partir da Libras, as relações de constituição de identidade e linguagem nos discursos dos sujeitos educativos surdos nos contextos escolares em que estão ou estiveram inseridos na cidade de Boa Vista/RR na interação entre si e com os ouvintes.

O tema é de grande importância no âmbito das discussões e reflexões sobre as identidades surdas nos contextos escolares, uma vez que Barth (1998) postula para as relações de identidade uma perspectiva relacional e contextual entre grupos, cujas identidades se constituem nas diferenças. Hall (2006, p. 6), aponta que as identidades que antes eram estáveis e davam estabilidade ao mundo social estão em declínio fazendo emergir novas e fragmentadas identidades “formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Dessa forma, refletir sobre as construções e representações de identidades das pessoas surdas, a partir de seus discursos, em contextos escolares de dominância ouvinte é uma grande contribuição para pensar as relações que esses sujeitos negociam e (re)negociam ao lidarem com as diferenças que constituem esses contextos (LOPES, 2013; SKLIAR, 2010).

Outro ponto relevante para essa análise foi a Língua Brasileira de Sinais (Libras), entendida como a língua natural da pessoa surda. Investigar como a Libras é agenciada na negociação das identidades surdas nas relações com os ouvintes e as possibilidades de lutas e conquistas educacionais, sociais e políticas através desta também foi de grande importância e necessário para compreender as dinâmicas das comunidades surdas nessas relações (BERGAMO; SANTANA, 2005; STUMPF, 2009).

A pesquisa teve como objetivos compreender as relações entre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e as identidades surdas, partindo dos discursos das pessoas surdas, dentro dos contextos escolares em que estão ou estiveram inseridas; analisar, na perspectiva da emergência da Língua Brasileira de Sinais, sua importância como um marcador de diferença na construção e negociação de fronteiras que constituem os sujeitos; perceber a construção e a representação dos sujeitos surdos sobre si mesmos enquanto pessoa surda dentro de um contexto escolar de maioria ouvinte; analisar os usos e as agências da Língua Brasileira de Sinais como um sinal de diferença na constituição das identidades surdas nas relações com a maioria ouvinte nos espaços escolares.

A pesquisa foi realizada na cidade de Boa Vista, capital do Estado de Roraima, extremo norte do território brasileiro nos anos de 2016 e 2019. A pesquisa teve por base a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativa para o embasamento teórico acerca do tema,

dentre os principais Maura Lopes (2013), Carlos Skliar (2010) e Marianne Stumpf (2009) acerca da surdez e educação de pessoas surdas; Fredrik Barth (1998), Denys Cuche (1999), Stuart Hall (2006) e Alexandre Bergamo e Ana Paula Santana (2005) sobre as agências de novas, multifacetadas e dinâmicas identidades relacionadas e contextualizadas e as identidades surdas. Além de análises de dados coletados em pesquisa de campo realizada com sujeitos surdos através de entrevistas com roteiro de questões semi-estruturadas com três eixos argumentativos: língua; identidade; e educação.

Para a coleta de dados da pesquisa foi realizada a técnica da observação participante em espaços escolares com presença de pessoas surdas na cidade de Boa Vista; os espaços escolares delimitados para a realização da pesquisa, da observação e das entrevistas com as pessoas surdas foram uma escola, a Universidade Federal de Roraima, a Associação dos Surdos e o Centro de Apoio à Pessoa Surda (CAS/RR); foi realizada seleção de surdos de faixa etária diversa para entrevista semi-estruturadas; entrevista com surdos fluentes e pouco fluentes no uso da Língua de Sinais; foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para as pessoas surdas participantes das entrevistas; registro dos relatos, narrativas e entrevistas por meio de vídeos e fotografias; e o uso de diário de campo.

As interações durante a pesquisa de campo se deram todas através da Língua Brasileira de Sinais (Libras) com os participantes surdos e pelo português com amigos, familiares dos surdos e demais pessoas ouvintes que participaram da pesquisa.

Dessa forma, o recorte da pesquisa e das amostras que fazem parte dos dados para as análises são surdos falantes e fluentes da Libras e que interagem e são reconhecidos pelos seus pares como pertencentes à comunidade surda.

A partir da leitura dos referenciais teóricos e com os dados obtidos durante a pesquisa de campo, com as entrevistas e as narrativas dos surdos participantes, alguns pontos se destacaram nas análises. O mais relevante é o entendimento do empoderamento e do protagonismo evocados nos discursos das pessoas surdas para os movimentos de lutas educacionais, políticas e sociais.

O que dar força para o discurso de que os surdos são tão capazes de desenvolverem o intelecto, a cognição, a criatividade e a produtividade do mesmo modo que as pessoas ouvintes é o argumento de que o surdo tem a sua própria língua e que por meio desta é capaz de se fazer expressar e entender. Argumentar que a língua de sinais é a língua do surdo e que isso o torna um sujeito que interage com o mundo e que têm suas faculdades mentais plenamente desenvolvidas o coloca num patamar de igualdade que antes lhe era negado.

Acerca dessa importância que a língua de sinais emerge para as pessoas surdas e o que decorre a partir disso, Bergamo e Santana (2005: 567) apontam:

Conferir à língua de sinais o estatuto de língua não tem apenas repercussões linguísticas e cognitivas, tem repercussões também sociais. Ser normal implica ter língua, e se a anormalidade é a ausência de língua e de tudo o que ela representa

(comunicação, pensamento, aprendizagem etc.), a partir do momento em que se configura a língua de sinais como língua do surdo, o estatuto do que é normal também muda. Ou seja, a língua de sinais acaba por oferecer uma possibilidade de legitimação do surdo como “sujeito de linguagem”. Ela é capaz de transformar a “anormalidade” em diferença, em normalidade (BERGAMO; SANTANA, 2005: 567).

Assim, a capacidade e autonomia de se posicionar e de se impor como pessoa surda através da língua de sinais aparece nas narrativas como um indicativo ou um traço de que esse surdo(a) já é capaz de elaborar a noção de uma identidade surda. Não ter medo ou vergonha de se expressar através de sua língua de sinais perante os ouvintes, ainda que esteja sozinho(a), mostra que esse indivíduo já assumiu sua condição linguística diferenciada. A partir disso, pode ser capaz de se posicionar enquanto um indivíduo com uma identidade também diferenciada.

Outro ponto importante nas análises é a importância que os espaços escolares têm para a constituição de suas identidades. Nos discursos surdos a educação é a categoria que aparece como o fio condutor das lutas pelo reconhecimento da pessoa surda e da língua de sinais nos âmbitos sociais, políticos e culturais.

As referências bibliográficas consultadas apontam para um contexto escolar que não contempla, em suas práticas e currículos, as especificidades das pessoas surdas. As falas e as narrativas dos surdos quando relatam sobre sua história de vida destacam os processos educacionais pelos quais passaram ou ainda estão experienciando. Os surdos adultos mais antigos remontam um tempo em que praticamente não se usava a Libras dentro das escolas. O que imperava era a prática da filosofia oralista na educação de surdos que utilizava técnicas de oralização e ensino de leitura labial (KLEIN, 2010; SKLIAR, 2010; ALPENDRE, 2008).

Assim, nas narrativas dos surdos mais antigos a luta do movimento surdo era por uma escola que respeitasse a sua diferença na condição linguística. Lutar para que a Libras fosse aceita como a língua do surdo e que esse fosse alfabetizado na sua língua natural foi o primeiro espaço de luta social. O direito de escolha entre querer a Libras como sua língua e ser oralizado em português também estão presentes nos discursos desses surdos mais antigos.

Os surdos mais jovens também evidenciam nas suas falas a importância da escola como um espaço para as lutas e conquistas dos surdos. As recentes conquistas no âmbito educacional garantiram ao surdo o ensino e o uso da Libras em espaços escolares em que este conviva. Professores capacitados em Libras, salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e intérpretes de Libras já fazem parte do contexto escolar dos surdos garantidos por leis e políticas públicas.

No entanto, o movimento atual de luta em prol da educação de surdos diz respeito à Escola Bilíngue para surdos. Nas falas dos surdos mais jovens, mesmo àqueles que já terminaram a educação básica, a escola bilíngue é o cerne dos discursos de lutas e reivindicações no âmbito educacional.

Dessa forma, a educação bilíngue é descrita nos discursos surdos como o campo de

possibilidades de transformação para as comunidades surdas. A educação bilíngue é vista como um meio de melhorar suas vidas, de se sentirem mais iguais em relação aos ouvintes e mais importante ainda, é percebida como uma ferramenta para forjar e construir uma identidade surda referenciada e crítica.

Assim, a partir das análises dos dados que esta pesquisa possibilitou, concluímos que a luta pela valorização da língua de sinais em espaços escolares, antes negados aos surdos, como nas instituições de ensino básico e superior, têm tomado grandes proporções nos movimentos surdos. Os discursos surdos revelam a importância da Libras em suas lutas sociais e políticas, além de colocá-la em evidência para se pensar a alteridade surda.

A emergência pelas Escolas Bilíngues presente nos discursos surdos, mostra a necessidade de entender e aceitar a diferença do surdo enquanto uma pessoa que se relaciona com o mundo de uma maneira diferente dos ouvintes. E que é urgente uma escola que contemple sua diferença nos âmbitos linguísticos, identitários e culturais.

REFERÊNCIAS:

ALPENDRE, Elizabeth Vidolin. **Concepções sobre surdez e linguagem e a aprendizagem de leitura**. Secretaria de Estado da Educação do Paraná – Programa de Desenvolvimento Educacional, 2008.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BERGAMO, Alexandre; SANTANA, Ana Paula. **Cultura e Identidade Surda: Encruzilhada de Lutas Sociais e Teóricas**. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**; tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KLEIN, Madalena. Os discursos sobre surdez, trabalho e educação e a formação do surdo trabalhador. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 75-92.

LOPES, Maura Corcini. As políticas de inclusão: movimentos da educação especial à educação inclusiva. In: LOPES, Maura Corcini. **Inclusão e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 77-114.

SKLIAR, Carlos. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 7-32.

STUMPF, Marianne Rossi. A educação bilíngue para surdos: relatos de experiência e a realidade brasileira. In: QUADROS, Ronice Müller; STUMPF, Marianne Rossi. **Estudos**

Surdos IV. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009. p. 425-450.